

INSTRUMENTO ANIMAL¹

Ana Godoy*

A incumbência de escrever uma resenha sempre chega a mim como um desafio. A enormidade da tarefa pouco tem a ver com sua extensão no papel: as resenhas devem ser breves sob pena de re-escrevermos um livro cuja singularidade é ter sido escrito por outro ou outros. Ater-se á singularidade de uma escrita que não é a nossa, me parece, responde pelo caráter desafiador, pois exige que nos comprometamos com aquilo que, todavia, não nos pertence. Vejamos então quais possíveis são endereçados ao resenhador: ele poderá ser o leitor comum que traceja linhas de uma leitura comum, opinativa, vale dizer a leitura da maioria, instigando o leitor a praticar uma leitura igualmente opinativa; ou então poderá ser o *expert* cuja leitura delimita o campo de pertencimento daquilo que lê avaliando a partir daí aquele ou aqueles que escrevem, sua pertinência, sua adequação (infinitude da escolarização). Poderá ser ainda o comentador, aquele que acrescenta ao lido a explicação que se supõe não estar presente no escrito, e, finalmente poderá ser tão-somente aquele que oferece uma relação circunstanciada dos temas e argumentos abordados poupando o leitor da sua circunstância enquanto tal, bem como destituindo o escritor ou escritores da circunstância da escrita.

Dentre todos estes possíveis nenhum diz respeito á singularidade do escrito cuja expressão seria o encontro, igualmente singular que o leitor porventura experimenta. É este tipo de resenha que me interessa fazer; aquela em que declino aliviada da tarefa opinativa, daquela do *expert*, da do comentador e por último da do relator...

* * *

¹ TRÉZ, Thales (Org.). Bauru: Canal 6 Projetos Editoriais, 2008. 211p.

* Dra. em Ciências Sociais pela PUCSP e Pós-doutora em Educação pela FE/UNICAMP. Atualmente desenvolve oficinas de formação de professores. Campinas/SP, Brasil.

E-mail: anadgp@uol.com.br

Apelando para a paciência ou impaciência do leitor, inicio esta resenha valendo-me de algumas perguntas formuladas por Jacques Gauthier (1999) a propósito da rede das coisas do mundo; perguntas que ressoam ao longo dos oito artigos que compõem o livro organizado por Thales Tréz: “Como não matar mais o “objeto” do pensar? Como não pensar mais objetos que temos matado para pensá-los? Como sair do sacrifício (de si e do outro), do cadáver como base do pensamento?” (GAUTHIER, 1999, p. 12). Perguntas tanto mais difíceis de responder quanto o são na sua formulação, pois nos arrancam do conforto utilitário que contrapõem o uso experimental de animais às finalidades da saúde e bem estar humanos ou aos avanços desta entidade chamada ciência. A questão, todavia, já não é mais se devemos ou não matar os animais, tampouco se é certo ou errado fazê-lo, ou ainda se os animais são ou não, devem ou não ser sujeitos de direito. O leitor, acostumado talvez aos exercícios cognitivos que o capitalismo contemporâneo demanda, sai-se bem neste tipo de jogo entre ‘sim’ e ‘não’ referendando, não importa se pelo sim ou pelo não, o jogo liberal da escolha entre respostas dadas que, pretensamente conferem à pergunta sua veracidade, e, sem dúvida alguma evita que formulemos os problemas. E o problema, me parece, é: como sair do cadáver como base do pensamento? Como sair do cadáver para pensar o novo? Visto o cadáver ou os muitos meios de produzi-los, subjazer à inovação permanente. A incessante produção de algo novo é então imanente ao conjunto de inversões realizadas sobre a população entendida como este conjunto de processos que recobre o sujeito de direito, o sujeito econômico e o sujeito social; multiplicidade heterogênea de indivíduos que não somente “são e [que] só existem profunda, essencial, biologicamente ligados à materialidade dentro da qual existem” (FOUCAULT, 2008, p. 28), mas que se apresentam como “objeto técnico-político de uma gestão e de um governo” (p. 92) o qual compreende tudo que se estende “do arraigamento biológico pela espécie à superfície de contato oferecida pelo público” (p. 99). Este arranjo contempla sem maiores problemas nós e os animais, nós nos animais ou os animais em nós, mas deixa escapar ou pretende impedir nós *diante* dos animais e os animais que *nos tornamos* e o outros que eles se *tornam*. Assim, nos aproximamos obliquamente do título deste livro: instrumento animal.

Pois não se trata somente de problematizar o uso de animais no ensino superior, muito embora este seja o subtítulo evocado, pois nos diferentes mundos que habitamos estamos constantemente a trabalhar com os animais. A questão é, então, como funciona este mundo do ensino superior, de que modo ele agencia

homens e animais e de que modo tais agenciamentos põem em movimento o dispositivo educacional e de pesquisa e ainda, mas não menos importante, como este dispositivo afeta homens e animais. Este é o esforço dos diversos autores que Thales Théz reúne no livro **Instrumento animal: o uso prejudicial de animais no ensino superior**.

O leitor interessado perceberá então, já nos dois primeiros artigos que abrem o livro, que o animal não é apenas um elemento no programa da ciência, mas também um problema de filosofia. Eis aí o primeiro mérito de **Instrumento animal** ao nos lembrar, à medida que percorremos os diferentes artigos nele presentes, que conhecer os animais, sabê-los - alegação da ciência; não se confunde com e não prescinde de pensá-los, de fazê-los advir ao pensamento operação que exige a reconquista de uma estrangeiridade dos animais cuja homogeneização é já uma primeira violência. (DERRIDA, 2002)

Assim é que, quando um estudante de ciências biológicas ou médicas - como os muitos que as narrativas entremeadas aos artigos nos apresentam - se recusa em sala de aula a matar ou torturar em vida os animais, ele o faz primeiro diante de todos os animais e de todos os homens, diante do vivente, tornando o preceito “não matarás”, abordado por Thales Tréz, indecível. Deste modo, as práticas de experimentação, intervenção, aniquilamento e extermínio, imputadas aos viventes, apresentam-se como aquelas efetivamente problematizadas ética, jurídica, técnica, científica e politicamente. O estudante que se recusa é aquele que, diante dos animais e dos homens, recusa a domesticação, o adestramento abalando a estrutura do ensino acadêmico contaminada por seus biotérios, suas caixas de Skinner através das quais se dissemina uma sobrevivência intolerável que homens e animais compartilham como objeto técnico-científico de governo. Não nos enganemos, portanto, quanto a densidade e força do título deste livro - força que se exprime em sua intensidade mais alta e mais baixa segundo cada autor e aquilo que privilegia -, que, ao apresentar o animal como instrumento nos força a pensar nossa relação com a invenção, mas principalmente nos força a pensar a potência de inventar como aquilo que nos coloca, a nós e aos animais, em relação.

Ao percorrer os diversos artigos o leitor será confrontado com as muitas formas de tratamento dos animais que nos coube inventar, bem como as instituições e conceitos que inventamos ao longo dos séculos e de que maneira tais tratamentos, instituições e conceitos foram contemporaneamente redimensionados em nome daquilo que chamamos nosso mundo, nossos saberes e nossa técnica, sem que, contudo, tivéssemos nos dado conta de que o que esteve e permanece em jogo é

a possibilidade de dizermos “nós” como efeito desse assujeitamento que imputamos ao outro, e ao outro em nós, como parte da “bagagem intensa de nossa escolarização, ou endoutrinamento”, como tão bem coloca o apresentador do livro em suas páginas iniciais.

O peso desta bagagem poderia ser determinado pela curvatura do silêncio e pela imobilidade dos estudantes, debatido por um dos autores, cujo convencimento sobre a utilidade das práticas de viviseção estende-se sobre uma linha que supõe os (con)vencidos numa sorte de guerra surda que se exprime em dobrar a vontade do outro em direção à obediência e no limite aniquilá-lo. Mas o peso desta bagagem se exprime também nas diferentes perspectivas de cada autor e nos diferentes mundos nelas implicados, uma pluralidade de mundos e de vozes cujo acordo-discordante o tema do livro faz saltar e que é tanto o efeito de uma educação - dos diferentes modos pelos quais ela afeta aqueles sobre os quais é praticada, quanto nos convida a não procurar saídas fáceis diante da agonia de um rato, ou da execução de um cão, pois é neste instante preciso que todo o humanismo clássico, ao afirmar que nada do que é o homem nos é estranho, desmorona dando lugar à questão sobre os critérios de composição da multiplicidade de *se tornar* humano.

Percorrer estes mundos que Thales Tréz assumiu a tarefa corajosa de, mais que organizar, dispor generosamente ao leitor sob o título **Instrumento animal**, apresenta-se como ocasião privilegiada de confronto e enfrentamento dos discursos de vida e sobre a vida que programamos e propagamos, nos dizeres de Tréz, e que nos induzem a pactuar com o intolerável de uma situação.

A importância do tema não é de modo algum ofuscada pelo pequeno deslize editorial que nos priva da bibliografia do primeiro artigo e nos apresenta, no segundo artigo, um sistema de referência diferente daquele adotado pelos demais. Tais deslizes devem chegar ao leitor como uma lembrança dos muitos reveses experimentados por um livro ao longo do percurso editorial, especialmente quando se trata de uma jovem editora atuando num mercado editorial que pouco espaço abre para temas controversos.

Os diversos aspectos de **Instrumento animal**, explorados nos oito artigos que compõem o livro, não se restringem aos leitores da área das ciências biológicas, muito embora o tema exprima um embate que encontra nestas áreas sua especificidade, mas que, todavia, as ultrapassa. Ao contrário, penso que seus leitores encontram-se também nas ciências humanas, ou ainda nas salas de aula do Ensino Médio ou simplesmente sentados em frente a TV. Seus leitores são todos aqueles que foram e continuam sendo escolarizados, educados na indiferença

dos meios na e para a docilidade e prontos a docilizar; mas também aqueles que se recusam e recusam, dentro e fora das salas de aula, o cadáver e a tortura como base para pensar e como meio para saber. Um livro muito bem vindo.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso dado no Collège de France 1977-1978. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAUTHIER, Jacques. Rituais na escola: um olhar sociopoético. **Revista FACED**, Salvador, v. 4, n. 3, 1999. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2918>>. Acesso em: 9 mar. 2009.